



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

CONSELHO DE ÉTICA E DECORO PARLAMENTAR		
EVENTO: Audiência Pública	Nº: 1689/07	DATA: 3/10/2007
INÍCIO: 14h43min	TÉRMINO: 15h44min	DURAÇÃO: 1h01min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 1h01min	PÁGINAS: 32	QUARTOS: 13

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO
MADALENA AUGUSTA GONÇALVES - Testemunha. NEOCI COSTA BARREIROS - Testemunha. LAURA FIGUEIREDO - Advogada do Representado. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Advogado do PTC.

SUMÁRIO: Apreciação de requerimentos. Oitiva de testemunhas arroladas pela defesa do Deputado Mário de Oliveira.

OBSERVAÇÕES
Houve intervenção fora do microfone. Ininteligível.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Havendo número regimental, declaro aberta a 20ª reunião do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar da Câmara dos Deputados.

Encontra-se sobre a bancada cópia das atas da décima oitava e décima nona reuniões.

O SR. DEPUTADO ANTÔNIO ANDRADE - Sr. Presidente, peço a dispensa da leitura da ata.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Os que forem favoráveis à dispensa da leitura da ata permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovado.

Os que forem favoráveis à ata permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovado.

Ordem do dia.

Requerimento nº 21, de 2007, do Deputado Dagoberto, requerendo a oitiva do Sr. Francisco Alberto de Souza Campos, Corregedor-Geral da Polícia Civil do Estado de São Paulo, referente ao Processo nº 5, de 2007, instaurado contra o Deputado Mário de Oliveira.

Em discussão. *(Pausa.)*

Em votação.

Os que forem favoráveis permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovado.

Requerimento nº 23, de 2007, do Deputado José Carlos Araújo, Relator do Processo nº 6, de 2007 (Representação nº 13, de 2007) instaurado contra o Deputado Olavo Calheiros, requerendo que seja solicitada informações à Secretaria da Receita Federal referentes à empresa Schincariol.

Em discussão. *(Pausa.)*

Em votação.

Os que forem favoráveis permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovado.

Comunico aos senhores que o Requerimento nº 22, de 2007, do Líder do PSOL, para que sejam efetuadas todas as diligências já requeridas e também a oitiva de testemunhas do representante do Processo nº 7, de 2007 (Representação



nº 14, de 2007), instaurado contra o Deputado Paulo Magalhães, será submetido à deliberação dos senhores após a manifestação do Relator Moreira Mendes sobre o pedido.

A presente reunião tem por finalidade a produção de prova testemunhal com a oitiva das testemunhas arroladas pela defesa do Deputado Mário de Oliveira, que são a Sra. Madalena Augusta Gonçalves, a Sra. Neoci Costa Barreiros e o Sr. Odair da Silva.

Comunico a presença da advogada Dra. Laura Figueiredo, do Deputado Mário de Oliveira e dos representantes do PTC, Dr. José Júlio dos Reis e Dr. José Carlos da Silva Neto.

Então, nós vamos convidar, inicialmente... Eu convido, então, a Sra. Madalena Augusta Gonçalves e a Sra. Neoci Costa Barreiros, por favor. *(Pausa.)*

Inicialmente, eu devo ler o termo de compromisso das duas, e elas assinarão.

Nos termos do art. 12, inciso I, do Regulamento do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar, presto o compromisso de falar somente a verdade sobre o que me for perguntado acerca dos fatos relativos ao Processo nº 5, de 2007 (Representação nº 12, de 2007) instaurado contra o Deputado Mário de Oliveira.

Sala das reuniões, 3 de outubro de 2007.

Madalena Augusto Gonçalves.

Termo de compromisso.

Nos termos do art. 12, inciso I, do Regulamento do Conselho de Ética e Decoro Parlamentar, presto o compromisso de falar somente a verdade sobre o que me for perguntado acerca dos fatos relativos ao Processo nº 5, de 2007, instaurado contra o Deputado Mário de Oliveira.

Sala das reuniões, 3 de outubro de 2007.

Neoci Costa Barreiro.

Obrigado.

Inicialmente, darei a palavra à nobre Relatora, Deputada Solange Amaral.



A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Quero cumprimentar as Sras. Madalena e Neoci. Em primeiro lugar, nós vamos ouvir a Sra. Madalena, e a seguir a Sra. Neoci.

Trata-se de um processo relativo a uma possível contratação de alguém para cometer um homicídio. Isso envolveria o nome de dois Deputados. Acho que as senhoras já sabem, já têm acompanhado. Eu queria ouvir um pouquinho a Sra. Madalena.

A senhora parece que trabalha ou tem a loja no Shopping Tamboré, é isso?

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Pela ordem, Sr. Presidente. Nobre Relatora, permita-me.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Pois não, Sr. Deputado.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Eu não sei se estou correto. Não seria... As duas testemunhas estarem juntas e ouvirem as respostas uma da outra, ou separadamente? Como seriam essas coisas?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - V.Exa. está fazendo um requerimento para uma se separar da outra? Porque pode fazer...

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Eu achava por bem que deveriam ser separadas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Está bom. Então, vamos atendê-lo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Ficou claro, da outra vez, que uma é a proprietária e a outra é a que viu.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Exatamente.

O SR. DEPUTADO PROFESSOR RUY PAULETTI - Então, aquela que não viu...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Não tem como, não há necessidade. Então, eu acho que vamos só ouvi-la, viu?

V.Sa. espere um pouquinho...

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sr. Presidente, se não há necessidade... Não só as duas. Eu queria saber: elas são testemunhas de quem?



O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Inicialmente, ela vai esclarecer, porque ela realmente não viu nada, não participou. Mas ela esclarece. Ela foi chamada, vai esclarecer. E a outra, sim, que participou... Que participou, não, que viu alguma coisa.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Bom, se isso ocorre, o.k., eu dispenso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Bem, é diferente dos casos anteriores.

Com a palavra, então, a nobre Relatora.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Sra. Madalena, a senhora poderia falar um pouquinho sobre a sua presença, enfim, a presença do seu negócio, ali, no Shopping Tamboré, por favor, se puder? No microfone, por favor.

A SRA. MADALENA AUGUSTA GONÇALVES - Posso falar?

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Aproxime.

A SRA. MADALENA AUGUSTA GONÇALVES - Boa-tarde. Na verdade, eu sou a proprietária. Quem realmente testemunhou foi a Neoci. Acabei vindo acompanhá-la, a pedido dela mesma. E como eu fui, na verdade, convidada, eu vim por uma ordem só de responsabilidade com vocês. Só vim realmente acompanhar. Eu não vi nada, portanto eu não testemunho nada.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Mas falar um pouquinho, Dona Madalena. A senhora é proprietária de quê? O que...

A SRA. MADALENA AUGUSTA GONÇALVES - Eu sou proprietária de uma loja, de uma pequena loja. Na verdade, é uma revistaria, que seria do tamanho de uma banca de jornal, no Shopping Tamboré, lá em Alphaville, São Paulo, onde a Neoci é minha funcionária, trabalha lá. E foi no horário das... Ela trabalha das 10 às 4 da tarde, e o incidente aconteceu nesse horário. Só isso.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Podemos, então, ouvir a D. Neoci, se os Deputados concordam. E a seguir, a D. Madalena vai estar presente, não é, Presidente, se for o caso.

D. Neoci, eu gostaria de ouvi-la sobre... Parece-me que os fatos ocorreram em junho, salvo engano. Eu gostaria de ouvi-la. Se a senhora puder falar... Aproxime-se do microfone.



A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - O que aconteceu no dia? Eu estava trabalhando normal. Entrou um rapaz, o qual eu não me lembro o rosto, mesmo. Ele entrou e me pediu um cigarro. Daí eu me virei para pegar o cigarro, porque a prateleira era atrás. Eu me virei e, no que eu virei para ele, já estavam mais duas pessoas dentro da loja, uma de cada lado do mesmo. Um abriu a jaqueta e se identificou como Polícia Federal, e virou para o mesmo e falou: *“Ó, você sabe por que estamos aqui?”* O que havia me pedido o cigarro falou: *“Ah, sim, você vai com a gente?”* O outro falou assim: *“Você vai com a gente?”* Ele: *“Não, não, na boa. Deixa eu só pagar...”* Porque eu já havia entregue o maço de cigarro a ele. Ele falou: *“Olha, deixa só eu pagar a moça. Aí, no balcão...”* Eu estava no balcão, e continuei. Ele falou assim, o que havia se identificado como policial, falou assim para ele: *“Vai na boa ou vai na birra, ou vai na marra”*, alguma coisa assim. Se for na boa, é com a gente. Se for na ameaça, também é com a gente. Ele falou: *“Não, não, estou tranqüilo”*. Eles levantaram a blusa dele, viram que o mesmo não estava, não portava arma, nem nada. Ele me pagou o cigarro, e saíram os 3 da loja. Foi só isso que eu presenciei, e nada mais.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Só lhe pedindo... A senhora disse que uma das duas pessoas que abordou essa primeira pessoa que estava comprando o cigarro...

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Isso.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - ... se identificou como?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Policial Federal. Polícia Federal. Ele abriu a jaqueta, eu não vi se dentro da jaqueta...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Tinha alguma coisa.

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - ... estava realmente uma identificação, porque do lado que eu estava não dava para ver.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Ele abriu a jaqueta assim....

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Isso, é.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - ...mostrando alguma coisa?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - ...e mostrou para a pessoa que estava no balcão, que havia me pedido um cigarro.



A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E a outra pessoa? Eram dois homens?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Dois homens.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E a pessoa que estava comprando cigarro também era um homem?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Isso. Também.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Tinha mais alguém ali na loja, ali na revistaria?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não, porque foi no horário da manhã. No horário da manhã é bem tranquilo.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Mais ou menos que horas?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Ah, aí eu acho que umas 11 horas.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Que horas abre o shopping?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Às 10. Não, desculpe ao público às 9; as lojas às 10.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E o segundo não se identificou?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não. Eu acho que deva ter entrado os dois juntos, porque no que eu me virei já estava três.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Já estavam três?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Um de cada lado. Mas somente um se identificou para o mesmo.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - A pessoa que chegou para comprar o cigarro estava, enfim, tranqüila, escolheu o cigarro, disse a marca...

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Isso.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Como é que foi isso? Se a senhora puder tentar lembrar aquele momento... A senhora está parada lá, tinha pouco trabalho, era ainda cedo...

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Na verdade, eu estava fazendo reposição de algumas mercadorias no balcão, que a gente expõe, que é bala, nada mais. A í ele entrou e falou assim: por gentileza, você tem cigarro? Eu falei: sim. Aí ele falou assim: me vê um Carlton. Eu: vermelho? Ele: sim. Eu entreguei... Eu virei



para pegar o cigarro e voltei para entregar a ele. Na verdade, ele me deu 3 reais e havia tido um aumento, há umas duas semanas antes.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Não entendi.

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Ele me deu 3 reais para pagar o cigarro.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Ele estava tranqüilo....

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - É, normal.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Ele estava calmo?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Estava.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Deu 3 reais e ...

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Para cobrar o cigarro, e há umas duas semanas antes, havia tido um aumento no cigarro. É 3 reais e 10 centavos agora. Aí ele pegou e falou assim: deixe eu ver se tenho... Eu acho que tenho 10 centavos. No que eu me virei, no que ele falou deixe eu ver se tenho 10 centavos, no que eu me virei para ele, ele falou assim: ah, é 3 e 10. Quando em virei, já estavam os 3 homens. Aí ele falou assim: deixa eu só terminar de pagar o cigarro. Porque na verdade eu já estava com os 3 reais na mão, ele só ficou procurando os 10 centavos. Até demorou um pouquinho até ele achar. E os dois rapazes que estavam com ele esperaram. Aí foi na hora que um falou para o outro: *“Você vai com a gente, na boa; se for no escândalo também é com a gente..”*.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Ele não, parecia estar assim...

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - ... se escondendo, fugindo de ninguém?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não, não, não. Tanto que ele entrou...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Muito tranqüilo.

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - ... na loja normal, como qualquer outra pessoa. Não me pareceu nada fora do comum, não.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - A revistaria é próxima à praça de alimentação ou é na praça de alimentação?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - No comezinho da praça de alimentação.



A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E se a senhora puder nos relatar aqui, naquele dia, como é que estava o movimento na praça de alimentação?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Esse horário geralmente é tranqüilo. Porque o shopping dispõe de um serviço, chamado Babybus, que pega o pessoal da empresa, que é um pouquinho acima, de um centro empresarial, e leva para almoçar nesse shopping, e o primeiro chega às 11 e 30, que é o horário que realmente começa a movimentação lá. Até esse horário, é calmo.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Estava calmo?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Estava. Estava calmo.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - A senhora lembra do rosto dessa pessoa que comprou o cigarro?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Eu... Lembrar exatamente não, mas era um rapaz claro, aparentava ter uns 36 anos, já uns cabelos grisalhos. Acho que era isso.

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - A senhora sabe se ele... A senhora o viu antes, quando abriu... A que horas a senhora abre a revistaria?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Às 9.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Não tinha nada ali? Estava... Como é que estava?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Normal, normal. Tanto que eu abro, faço várias coisas, e não vi nenhum movimento diferente, nem de mais gente...

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Ele falou alguma coisa? Estava sozinho, estava acompanhado, ele... A senhora lembra de alguma coisa?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não, não. Exatamente o que eu falei. Ele entrou, me pediu cigarro, só isso.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Entrou sozinho?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Sozinho.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Calmo, tranqüilo?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Calmo, calmo. A gente tem uma paredezinha de vidro...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Com dinheiro trocado?



A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Isso. Já estava com dinheiro trocado. Só que eu acho que ele esqueceu do tal aumento de 10 centavos e depois ele ficou procurando a moeda para me dar.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - A senhora se assustou com esse fato? Uma pessoa ser, parecia que estava sendo... Se alguém se identifica como policial, vai ser detido, encaminhado para algum lugar. A senhora tomou algum susto assim, ficou... Isso já tinha acontecido lá?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não, não. Eu até fiquei um pouquinho apreensiva, porque eu estava sozinha na loja no momento, e geralmente a Dona Madalena costuma chegar umas 11 e meia. Tanto que, logo que ela entrou na loja, eu comentei com ela, eu falei: ai, aconteceu uma cosia estranha, porque eu particularmente não falei nada. O rapaz entrou, me pediu cigarro, pagou e tal... A única coisa que eu até comentei com a Dona Madalena que eu ia falar para ele, eu ia falar: não moço, pode deixar os 10 centavos, nem precisa me dar. *(Risos.)* Não assim, porque... No que o outro rapaz entrou e falou... Não eu vou, deixa eu só pagar a moça. Mas era 10 centavos. Quase que eu falei, não nem precisa pagar, porque não é um fato muito corriqueiro.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E aí como é que você fez? Eles saíram...

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Eles saíram...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Ele saiu detido, algemado, não?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não. Um dos rapazes, o que estava do lado esquerdo, pegou a jaqueta dele por aqui e pegou o cinto, a calça dele pelo cinto. Mas foi do lado dele andando, os 3, normal.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Ele não foi algemado ali?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não, não saiu da minha loja... Da loja algemado, não.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E aí, o que a senhora fez? Se você puder lembrar, Neoci.

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não... Daí comecei, se não me engano, entrou mais umas pessoas na loja para atender e, por volta de umas 11 e 20, 11 e meia, a Dona Madalena chegou. Aí eu comentei com ela, ela perguntou que



havia aparecido algum segurança do shopping, se eu havia comentado com alguém. Aí eu disse que não, porque... Não aconteceu nada assim.. Não chegou... Eu não sofri ameaça nenhuma, não me senti ameaçada, então...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Você não procurou ajuda com ninguém?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não, não. A única coisa que eu fiz no dia foi comentar com a Dona Madalena e com meus familiares, só. Eu vim a saber depois do acontecido pela televisão e depois pela central de segurança do Shopping Tamboré.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - A senhora viu, lembra, viu alguma correria, algum....

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não, não. Depois que eles saíram de onde fica a loja, não teve correria nenhuma, até porque eu não fico de frente com a saída do *shopping*. Não fico de frente. Não teria nem como ver se tinha um carro, se não tinha alguma coisa, alguma movimentação diferente.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Já estou encerrando a primeira parte, Sr. Presidente.

Mas, a senhora, quer dizer, nós temos versões de que teria havido uma... Pessoas estariam naquele momento na praça de alimentação combinando, contratando um matador e combinando um homicídio. Naquele momento. Nós não estávamos lá. A senhora é que estava na loja. Mas a senhora acredita nisso, assim, que naquele momento, ali, contratando um matador, a contratação de um matador, a contratação para matar alguém...

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Bom, é...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Parecia que tinha um clima assim...

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Na verdade, esse rapaz, ele entrou do lado oposto. A praça de alimentação é aqui, ele veio daqui. Mas aqui tem um café; um pouquinho para frente tem um café. Mas se, como a senhora está falando, se ele estava assim, realmente, com essa conversa com alguém, ele... Não me pareceu não, porque ele estava calmo assim... A menos que a pessoa seja realmente fria a



ponto de tratar desse assunto como qualquer outro, porque ele entrou na minha loja, me pediu um maço de cigarro, calmo.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Ele não parecia estar sendo perseguido?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não, não, não. Não parecia.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E a senhora falou que a revistaria tem duas entradas?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não, a revistaria é aqui; aqui a é a praça de alimentação.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Certo.

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Essa pessoa veio daqui, porque eu estava assim, e aqui é vidro. Eu vi ele vindo.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Deputada Solange, me concede um aparte?

Quer dizer que ele não veio da praça de alimentação, então?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Da praça de alimentação, não.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Não. Ele veio do outro lado, que a senhora está dizendo que tem um café?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Do outro lado. É.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Passou...

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - É porque...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - ... e entrou na sua loja, entrou na revistaria?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - É. Esse aqui... Vamos supor que meu caixa está aqui. Aqui é o balcão, meu caixa fica aqui. Eu estava justamente arrumando umas coisas no meu estoque, e a pessoa veio, até olhando. Acho que ele estava realmente procurando um lugar para comprar cigarro. Aí, ele pegou e viu. Você tem cigarro? Tenho. Me dá um Carlton. Eu perguntei se seria o vermelho, porque tem outro. Tem o verde, tem o azul. Ele falou: ah, o vermelho mesmo.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Não parecia que ele correu ali para se esconder ou para se evadir, para não ser visto?



A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Até porque não daria. A loja é superpequena.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Ele veio dando a volta?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Isso.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Por enquanto, Presidente, era isso. Devolvo a palavra a V.Exa.

Muito obrigada, Dona Neoci.

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - De nada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - O primeiro inscrito é o Deputado Ruy Pauletti. Com a palavra, Deputado.

A SRA. LAURA FIGUEIREDO - Presidente, pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Pois não.

A SRA. LAURA FIGUEIREDO - Deixe só eu fazer uma pergunta para a Sra. Neoci, por gentileza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Pois não, Dra. Laura Figueiredo.

A SRA. LAURA FIGUEIREDO - Obrigada, Presidente. Sra. Neoci... Dirigindo ao senhor, não é, Sr. Presidente? Sr. Presidente, eu gostaria de saber da Sra. Neoci... Ela já disse que a loja não fica virada para a praça da alimentação, mas que tem vidro na frente. Se esse vidro alcança a visão da praça da alimentação ou não.

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não. Esse vidro dá de frente para outra loja. A praça de alimentação, na verdade, fica aqui. Eu estou aqui.

A SRA. LAURA FIGUEIREDO - Tampa a visão da senhora. Então, não dá para ver a praça de alimentação?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não.

A SRA. LAURA FIGUEIREDO - Queria saber, Sr. Presidente, se ela antes... Ela está ali arrumando o estoque, mas se ela vê algum tipo de movimentação, duas pessoas passando; se esse senhor passou antes na frente da loja, acompanhado ou não...

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não. Não vi.

A SRA. LAURA FIGUEIREDO - Não viu.

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não.



A SRA. LAURA FIGUEIREDO - Só a última. A segurança do shopping compareceu lá posteriormente, no mesmo dia?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não.

A SRA. LAURA FIGUEIREDO - E aqueles policiais estiveram lá novamente?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Olha, eu não me lembro do rosto dos dois, mas se foram, não se identificaram. Não, não para mim.

A SRA. LAURA FIGUEIREDO - Está o.k., sem mais perguntas, Sr. Presidente. Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Dr. José Carlos da Silva Neto, por favor.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - José é um nome queridíssimo, bíblico, e me deixaria muito feliz ser chamado de José. Mas meu nome é Luiz Carlos da Silva Neto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Com a palavra, doutor.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Excelência, há outras charutarias além da charutaria da depoente?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Existe. Existe um quiosque um pouquinho à frente da minha revistaria.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - A praça de alimentação está aqui; a charutaria, aqui. Ele vem da esquerda para a direita da praça de alimentação. Do interregno de onde ele saiu, que ela localizou, que ela avistou, para a charutaria, há alguma outra charutaria?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não. Ele veio do lado oposto ao da tabacaria; a outra tabacaria que tem no shopping, na verdade.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - A pergunta que faço à testemunha, Excelência, é: se o intuito dele era tão-somente comprar um maço de cigarro Carlton, de onde ele veio, ainda que da parte externa do shopping até chegar a essa charutaria, poderia ele ter comprado um maço de cigarro Carlton?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não. É outro extremo do shopping. O shopping é composto por 4 entradas e decorrentes saídas, no caso. Estou na primeira. A tabacaria, no caso, é próxima à segunda ou terceira.



O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Na parte externa do shopping, ele poderia, em alguma loja, em algum boteco, em algum bar, comprar o cigarro?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Aí não sei te responder. Mas a parte externa, que eu saiba, é só estacionamento.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Quando a testemunha chegou aqui hoje, quem a trouxe aqui para a Câmara dos Deputados?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Essa pergunta é para mim?

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Tenho que perguntar a V.Exa., senão V.Exa. puxa a minha orelha. Para reperguntar a ela.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Quem trouxe foi o veículo...

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Não, estou perguntando a ela, ao senhor. É um sistema presidencialista.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Pode responder, por favor.

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Quem trouxe? Um motorista, não sei o nome do mesmo.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Do aeroporto, ela veio direto para onde, Excelência?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Para cá.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Almoçou?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Sim.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Almoçou em que restaurante?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Aqui mesmo.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Na Câmara dos Deputados?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Isso.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Almoçou com quem?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Com a Dona Madalena.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Mais quem?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Somente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Eu quero só dar uma explicação. Nós mandamos buscá-la em veículo da Câmara. Os funcionários do Conselho a levaram até o restaurante, aguardaram-na e trouxeram-na de volta para cá.



O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Excelência, ela pertence a alguma igreja evangélica?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Pertence ou não pertence?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não. Desculpa...

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Frequenta alguma igreja evangélica?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - A Dona Madalena é evangélica?

A SRA. MADALENA AUGUSTA GONÇALVES - Sou católica.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Após a prisão do Sr. Odair — porque, da forma como ela descreveu, foi uma prisão, seguraram ele pelas calças e pela camisa, não é? —, após isto, qual foi a reação dele? Ele demonstrou algum nervosismo?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não. Ele saiu tranqüilo, andando, no meio; um de um lado, outro do outro, ele no meio, tranqüilo. Não aparentou... Até porque, da entrada dos 2 rapazes à saída dos 3, é, foi rápido. Mas na minha frente eu não notei nenhuma diferença, não.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Sim. Mesmo após essa abordagem ele permaneceu...

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Sim, calmo.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Ele não desconfiou ou não houve desconfiança, por parte da testemunha, que poderia ser um seqüestro, um roubo ou alguma coisa parecida?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Ele não gritou por socorro?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Não pediu ajuda a ninguém?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não...

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Não requereu que alguém o ajudasse, porque ele estaria sofrendo, talvez, alguma abordagem ilícita por parte de alguém?



A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não...

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Então, quer dizer que ele acreditou que estava sofrendo uma ação legítima por parte da polícia, que ali se identificou?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Olha, é... O rapaz que se identificou a ele, é, só falou... abriu a jaqueta, igual eu falei: "*Polícia Federal*" e ele falou assim: "*Tá. Tudo bem, eu vou. Deixa eu só pagar a moça.*" E saiu, não olhou para os lados, não aparentou nervosismo nenhum.

O SR. DEPUTADO ABELARDO CAMARINHA - Sr. Presidente, questão de ordem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Questão de ordem, nobre Deputado Camarinha.

O SR. DEPUTADO ABELARDO CAMARINHA - Sr. Presidente, para deixar a testemunha à vontade, a gente percebe que ela é uma moça comerciária, é oriunda de outro meio que não o jurídico nem o policial. Eu sugiro ao nobre advogado que faça pergunta menos técnica, menos contundente, porque ele não faz parte do Ministério Público. Então, as perguntas têm que ser com mais jeito e doçura. É um apelo que faço ao nobre Deputado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Está feito o apelo. Nobre advogado.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Eu vou acatar, até pela forma simpática como o Deputado fez a colocação. Mas eu só quero entender aqui que, processualmente, inclusive, a minha atuação aqui é exatamente igual à do Ministério Público, porque o PTC funciona como assistente de acusação no processo. Somente isso.

O SR. DEPUTADO ABELARDO CAMARINHA - Eu gostaria da réplica, Sr. Presidente. Ele falou "parecida", mas não é igual. Aqui, parecida é uma coisa, igual é outra. E aqui ele não está investido de carteira. E é só um apelo humanitário, porque as perguntas técnicas a essa jovem — e nem a conheço — a embaraçam. Quando ele pergunta se chegou de uma forma tal que sugeria um seqüestro, uma prisão, ela não tem técnica para responder essa pergunta.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Doutor, vou interromper só um pouquinho, para tentar...



O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - À vontade.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Dona Neoci, a senhora tem certeza, quando — se tem certeza, enfim, dizer o que... A senhora tem certeza de que a pessoa se identificou como Polícia Federal?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Foi o que eu ouvi o rapaz falar. Mas é o que estou falando: do lado que eu estava, eu não tive nem como ver se, realmente, quando ele abriu a jaqueta...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Não, mas o que a senhora ouviu?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não, o que eu ouvi foi isso.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Tem certeza?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Absoluta.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Polícia Federal?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Isso.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Está. Acho que, face a todas as... Endurecer, sem perder a doçura jamais, não é? A ternura, como dizia o Che.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Só que o Che, está meio confusa a biografia dele, não é?

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Mas é um líder, por favor. Com doçura.

O SR. DEPUTADO ABELARDO CAMARINHA - Mas a de Jesus também é confusa. Arrumaram 2...

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Pergunte tudo, mas com doçura e ternura.

O SR. DEPUTADO ABELARDO CAMARINHA - Deputada, arrumaram 2 filhos para Jesus. Então, essas coisas a gente...

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - É verdade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Dr. Carlos com a palavra, por favor.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Mas ainda no tocante à saída do Sr. Odair — a testemunha certamente não sabia de quem se tratava e talvez até hoje



não o saiba... Mas na saída deles ela ficou olhando como é que eles saíram, como é que procederam? Até que distância ela ainda ficou avistando-os?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Olha, a distância é curta, até porque o balcão ao qual ele me pediu o cigarro é praticamente na porta da loja. Eles saíram, eu não fiquei olhando ou acompanhando para que lado que foram, se foram para esquerda, para direita. Eu não fiquei olhando.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Comunicou a alguém essa abordagem feita na loja?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Eu já disse que eu falei para Dona Madalena, assim que ela chegou, mais ninguém.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Dona Madalena teria comunicado a alguém esta abordagem, esta prisão?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Acho que não.

A SRA. MADALENA AUGUSTA GONÇALVES - Eu tentei procurar algum segurança na nossa vista, porque não fica segurança em todas as lojas, ele fica em algum... determinados pontos do *shopping*, eu não achei ninguém.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Muito bom.

A SRA. MADALENA AUGUSTA GONÇALVES - E como é difícil a gente também ficar ligando na Administração, falando com alguém, porque também a central de segurança anda muito, como não aconteceu nada, eu não falei nada. Mas isso eu já falei até com o rapaz que já veio depor aqui com vocês, o Sr. Bernardino, que é o chefe de segurança do *shopping*. Ele até me chamou a atenção, disse que eu tinha que ter chamado. Mas como a gente também vai à loja lá para trabalhar, a gente sempre tem os compromissos a fazer. Como não aconteceu nada, eu fui ao banco, eu continuei o meu dia normal, porque não aconteceu nada. Há 5, 6 dias atrás também, estavam andando no *shopping* 5 policiais do GARRA com uma metralhadora empunhada. Eu não saí da minha loja para falar com segurança nenhum, porque a gente não sabe a rotina que está acontecendo ali. E quando tem algum assalto, tem alguma coisa, a própria segurança já está toda envolvida. E eu achei que quem tinha que cuidar mesmo daquilo era a segurança do *shopping*. Como também ninguém veio até mim, eu não fui até ninguém falar nada.



O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Sim. Mas a senhora tentou localizar seguranças?

A SRA. MADALENA AUGUSTA GONÇALVES - Eu tentei.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Não conseguiu?

A SRA. MADALENA AUGUSTA GONÇALVES - Não. Não tinha ninguém ali perto, assim, no momen... Perto da minha loja. Não andei pelo *shopping* inteiro. Veja bem, também não estou culpando a segurança do *shopping*. Eu tentei olhar, não vi ninguém, fui para o banco, fui fazer os meus afazeres normais do dia.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - E nessa ação policial que a senhora vê esses 5 policiais, vê algum segurança próximo a eles?

A SRA. MADALENA AUGUSTA GONÇALVES - Não. Eles estavam andando normalmente.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Muito obrigado, senhora. Obrigado. Apenas para terminar, Excelência, mais uma pergunta à Sra. Neoci. Por que razão ela não veio, da vez anterior, quando convidada?

A SRA. MADALENA AUGUSTA GONÇALVES - Posso responder? Porque ela não ficou sabendo. Da vez anteriormente convidada, não foi a Neoci, fui eu. E eu liguei para Dona Tere... Eu liguei, não. Na verdade, foi o meu marido que ligou, porque na loja... É uma loja muito pequenininha, eu não tenho nem espaço, não tenho central nenhuma para mim poder fazer ligação interurbana nem nada. É... como eu não tinha testemunhado nada, eu fiz uma carta para Dona Terezinha dizendo que eu ia declinar, porque eu não tinha visto nada. O Sr. Bernardino veio aqui e... e... me chamou e falou: "Há necessidade da Neoci" — que ele conhece, é funcionária — "ir até lá falar o que ela viu". Então, nesse... por esse motivo, nós viemos. Eu vim com a Neoci justamente porque ela nunca tinha tomado avião nem nada, ela estava meia... Não estava confortável de vir. Eu vim acompanhar, só isso. Por isso que ela não veio da outra vez, nem ela sabia que ela teria que vir aqui.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Finalizando, para aplacar aqui a ira do Deputado quanto à forma de inquisição deste agora Promotor de Justiça, eu queria citar aqui Provérbios, Salomão, cap. 31, vers. 10: "*Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor em muito excede o de rubis*". Eu vejo várias mulheres, capitaneadas pela Relatora, como preciosas aqui. Muito obrigado.



O SR. DEPUTADO ABELARDO CAMARINHA - Sr. Presidente, fui citado aí... (Risos.) Eu fui citado. Eu nem o conheço, e acho-o até, à primeira vista, *a priori*, empiricamente, um bom advogado. Mas na qualidade... Menos cristão praticante, mas talvez convicto como ele, eu não posso permitir que uma pessoa humilde venha a esta Casa e seja abruptamente perguntada como se ela fosse...

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Mas eu concordei. Eu concordei.

O SR. DEPUTADO ABELARDO CAMARINHA - Não, não, eu não encerrei. O senhor concordou, brilhante. Parabéns pelo trabalho. Mas um pouquinho de doçura, de bem-querença e de urbanidade no tratamento a essa jovem que se deslocou do meu querido Estado. Ela não tem que ter esse tratamento. Obrigado e desculpe se eu lhe feri de alguma maneira.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Obrigado, Deputado.

Com a palavra o nobre Deputado Dagoberto.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Deputado Dagoberto, apenas, antes de falar, só para deixar claro, confirmar o que Dona Madalena disse. As pessoas que nós chamamos foram Dona Madalena, na semana passada, mas pelo que estamos vendo aqui quem pode agregar informações é a Sra. Neoci. Quer dizer, ela não falhou. Ela realmente só foi chamada agora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Deputado Dagoberto, com a palavra, por favor.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Nossa Relatora Solange, a minha preocupação... Não vou fazer nenhum questionamento a ela, porque a senhora foi muito feliz. Tudo o que eu deveria perguntar foi perguntado por V.Exa. Agora, traz-me uma preocupação muito grande, agora, ouvindo a Neoci e ouvindo o segurança do *shopping*. Contraria tudo o que foi dito pelos policiais. Tudo! Os policiais disseram que havia um grande movimento no *shopping*. Ambos confirmaram que não tinha movimento. E, depois, a própria filmagem mostra que não tinha movimento. Ambos...

Os policiais disseram que eles estavam combinando. Viram eles sentando e aí fizeram aquela estratégia para tentar pegar, um de cada lado, para que ele, se fosse fugir... E um fugiu para um lado, o outro fugiu para uma loja. Aquele que fugiu para um lado ninguém sabe, não tinha nem na foto, não tem registro, não tem vista de saída dele, não tem movimentação dele, não tem nada que se vê uma pessoa



andando mais rápido ou não em todo o período. E ele não sai em nenhuma saída, o tal do Alemão. Desapareceu. Puf! do céu. Ninguém sabe, ninguém viu. Não existiu. Não tem prova do Alemão. Nem os policiais. Tentaram contar aqui para a gente, não conseguem nos convencer disso. Aí, o outro fica. E tem tantos lugares para você fugir: entrar numa Pernambucanas, entrar numa casa, numa Loja Americana. Aí, ele entra numa lojinha pequeninica para fugir. Aí ele pede um cigarro, preocupa-se em dar o troco, a moeda. Estava calmo. Um se apresenta como Federal, levam ele embora. Ele não reage.

Aí, o que é pior, a moto, que não tinha a chave, que precisou fazer ligação, aí o cara disse que não, que viu, que botou a chave e deu partida na moto e saiu com a moto. Ele não recorre à segurança do *shopping* para poder ajudá-lo. E o que é pior: estava na praça de alimentação e o cara vem no sentido contrário ao da praça de alimentação. E os policiais estavam ali, na praça de alimentação, olhando-os na praça de alimentação.

Eu nunca vi tanta mentira e com tanta... com tanto profissionalismo desses policiais! Nunca vi! Eu estou aqui abismado, porque, entre acreditar no que a Neoci está falando, que é uma pessoa de bem — e não precisa falar que é, a gente conhece pela cara, a gente conhece pela forma que fala... Pelo próprio segurança que estava falando e dos outros depoimentos que nós tivemos e das outras pessoas que aqui vieram, tudo desmentido. Nada afirmado até agora! Nada afirmado até agora! Não bate o negócio da Polícia Federal, que foi pego, que é coisa que sai do contexto. Nada bate!

Eu queria pedir e fazer um apelo a V.Exa. para convocar o Corregedor da Polícia Civil do Estado de São Paulo. É com ele que nós temos que mexer. Se nós queremos a verdade, nós temos de mexer é com ele, daqui para a frente. É só isso. Era a minha observação e a minha indignação com o arranjo todo que está demonstrado cada vez mais esse processo.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Nobre Deputado Dagoberto, o Corregedor da Polícia em São Paulo já entrou em contato conosco e se colocou à disposição. Inicialmente, disse que não conhecia problema, fato algum sobre isso que aconteceu. Mas a realidade é outra. Nós precisamos conversar com ele, não em sessão pública dos membros do Conselho com ele, e levar as nossas sugestões. Eu



acho que é importante. Ele se colocou à disposição. Vamos fazer um telefonema para ele, ainda hoje. E, possivelmente, semana que vem já deverá estar aqui. Ou na outra semana, porque, na semana que vem, nós vamos ter uma reunião com o Presidente da Schincariol. Então, é um outro processo.

Então, possivelmente, eu converso com V.Exa. e faremos um contato telefônico com ele.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Está bem. Obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Com a palavra o nobre Deputado José Carlos Araújo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sr. Presidente, nobre Relator, senhores advogados, senhora advogada, é um fato inusitado, Sr. Presidente, porque foge à regra desta Casa. Completamente diferente do que já se apresentou aqui. Vejo aqui uma testemunha completamente tranqüila, à vontade, espontânea; um depoimento espontâneo, à vontade, mostrando o que realmente aconteceu, o que aconteceu.

Eu queria fazer uma pergunta à senhora... Nancy, não é?

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Neoci. Sra. Neoci. É porque a plaqueta... Mas Neoci, a senhora, ao ver os policiais, tinham pinta de policiais mesmo?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Olha, é... Ele... Como eles não estavam de uniforme nem nada, para mim, se entrassem na minha loja, olhassem tudo quanto é revista e saíssem, eu ia falar que era um cliente normal como qualquer outro.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - A senhora... Estavam armados? Quando abriram a jaqueta tinham alguma arma, algema, alguma coisa?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Eu... eu... Da onde... Se tivesse, de onde eu estava, não daria para ver. Mas eu não vi não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Estranho, porque a polícia, quando faz uma detenção desse tipo, a primeira coisa que faz é algemar, prender, levar detido, com a pessoa algemada. Com a pessoa algemada. Não foi presa.



Nobre Relatora, dos fatos que nos foram contados, se fosse uma prisão realmente de uma pessoa que estava tentando fugir, que estava tentando... uma pessoa perigosa, como foi-nos dito aqui, dois policiais não entrariam tranqüilamente para perguntar e: "Você está preso!", deixar pagar, receber troco. Não é esse o procedimento que nós estamos acostumados a ver nos telejornais. Uma polícia de São Paulo aborda as pessoas. Eu estou achando um negócio surreal. Muito surreal essa história.

Mas a senhora tem... Se esse cidadão que chegou veio do lado contrário à praça de alimentação, a senhora teve curiosidade, pelo menos, quando eles saíram, de chegar até à porta da sua loja?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - No que eles saíram, não, porque é igual eu já falei: eu fiquei, eu continuei fazendo o que eu estava fazendo. Depois ficou mais calmo, eu até fui até à porta da loja, olhei, para saber...

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - De onde a senhora foi dava para ver a praça de alimentação?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - A visão da praça de alimentação, na verdade, fica ao lado da loja. Mesmo que eu saia à porta não dá para ver totalmente.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sim. Mas se tivesse uma agitação qualquer...

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Ah! Sim. Sim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Alguma coisa fora do comum a senhora teria visto ou teria pelo menos ouvido, não é verdade?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Fora do comum, isso. Sim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - A senhora viu algum segurança do *shopping* correndo ou falando no rádio, mostrando preocupação por um fato que aconteceu na praça de alimentação?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não... Não, porque...

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Tudo normal? Tudo normal?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Tudo, tudo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - A senhora só viu essas 3 pessoas?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Só, somente.



O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Então, o cidadão saiu com a mão no braço e o outro pegou por trás, no cinto...

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - É, no cinto.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - ...e saiu com o cidadão seguro, sem oferecer nenhuma resistência.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Me dá um aparte. Quando eles saíram, depois que a senhora saiu lá fora e os viu andando, eles estavam nessa condição ainda?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Estavam. Saiu realmente um no meio e, os outros 2, um colocou a mão no ombro assim, tipo segurando na jaqueta e, o outro, a mão na cintura. Só isso.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Estavam assim ainda?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Estavam. Andaram. Pelo menos num pedacinho de vidro, que é de vidro, que eu ainda consegui acompanhar, eles continuaram assim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Esse senhor que foi preso mostrou conhecer, ter algum conhecimento com essas 2 pessoas que chegaram? A senhora achou que eles já conheciam, eram conhecidos dele ou não eram, nunca tinha visto, chegou aí como policial e abordou?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Eu, assim, conhecido eu acho que não, porque ele olhou... No que o rapaz, os dois entraram, ele olhou assim. Olhou para um, olhou para outro, olhou para baixo, para cima, assim, de um ao outro. Então, acho que não era conhecido, não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Não era conhecido?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Acho que não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Não era conhecido. Fora, depois... Antes não viu nenhuma confusão, ninguém correu. Depois também não, tudo tranqüilo?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Tudo.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sr. Presidente, nobre Relatora, eu acho que o Deputado Dagoberto está certo, mas eu acho que esses policiais devem voltar aqui. Devem voltar aqui, porque agora nós temos informações



de que eles mentiram. Eles mentiram para este Conselho. Mentiram, está claro. Não tenho a menor dúvida, nobre Relatora, de que os fatos contados pelos policiais foram criados. É uma fantasia da cabeça deles. O cidadão que foi preso não esteve na praça de alimentação, está claro, não tinha mais ninguém. Ele sozinho, chegaram os dois, apresentaram-se como policiais. A moça que estava aí não viu o distintivo, não viu coisa nenhuma. A senhora ouviu pelo menos ele dizer: *“Polícia! O senhor está preso!”?*

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não, eles não foram enérgicos assim. Entraram os dois e falaram... o que abriu a jaqueta falou: *“Ó, Polícia Federal. Você sabe por que a gente está aqui”*. O que estava comprando cigarro, como eu já disse, falou assim: *“Ah, sim”*.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - *“Você sabe por que a gente está aqui?”*

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - É.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Isso é um fato novo. Isso é um fato novo.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - Gravar isto, hein: *“Você sabe por que a gente está aqui”*.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - E o que é que foi respondido?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Ele, ele falou assim: *“Não, tudo bem”*. *“Você sabe que você vai ter que vir com a gente.”* Ele: *“Não, tudo bem”*. Aí, o rapaz...

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Mas *“Você sabe que tem que vir com a gente”* por quê? Por que eles eram policiais ou por que tinha algum fato?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não, esse policial que se identificou como policial falou para o rapaz: *“Você sabe que você vai ter que vir com a gente”*. Ele falou: *“Não, tudo bem”*. Só fez assim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Tranquilo, sem nenhuma reação, esboçar nenhum nervosismo, tentar fugir, tentar correr?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não. Quero até deixar claro que se... se houve correria, se houve, é, tumulto, talvez tenha ocorrido na frente, na porta. Não foi... Eu estou falando assim: perto da revistaria, perto da praça de alimentação, eu não vi.



O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sim, tudo bem. Agora, ao ser detido, ele foi revistado, como a polícia faz: procura arma no corpo, nas pernas, na cintura?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Um dos rapazes, é, chegou a levantar a jaqueta. Que ele estava com a jaqueta.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Só levantou a jaqueta?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - É, só levantou a jaqueta.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Não correu, não passou as mãos nas pernas, nada?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não, não. Permaneceu um de cada lado.

O SR. DEPUTADO ABELARDO CAMARINHA - Deputado José Carlos, só colaborar, fazer uma colaboração.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Claro! Eu aprendo com V.Exa.

O SR. DEPUTADO ABELARDO CAMARINHA - Depoente, ele, em algum momento, apresentou documento ou mandado, algum papel ou alguma carteira: “*Eu sou policial*”? Ou algum mandado de prisão, alguma coisa?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não. Na minha presença, não.

O SR. DEPUTADO ABELARDO CAMARINHA - Nada? Ele só falou: “*Você sabe por que você tem que ser levado daqui*”... Como é a frase, Dagoberto?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - É... Ele, ele se apresentou, ele mostrou, abriu a jaqueta para o rapaz e falou assim: “*Polícia Federal. Você sabe por que a gente está aqui*” e “*Você sabe que você vai ter que vir com a gente*”, uma coisa assim.

O SR. DEPUTADO ABELARDO CAMARINHA - Eu endosso a tese dos colegas que eles vão ter que vir aqui.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Presidente, queria dizer o seguinte: é praxe da polícia, ao prender, ao deter alguém, a primeira coisa é botar a mão em cima do balcão e corre as pessoas, passa a mão na cintura, nas pernas, verifica se há uma arma, para evitar que o preso reaja com essa arma.



Estranho que esses policiais nada tivessem feito nesse sentido. Ou são maus policiais, são mal preparados... Ou são mal preparados ou tem coisa nisso aí. Tem alguma coisa que não está batendo, Presidente. Eu não sei o que não está batendo. Agora, que não está batendo, não está.

Com a calma em que ele estava, o cidadão que foi preso, com a calma que estava, pagando 3 reais, procurando 10 centavos para pagar... Ninguém, ninguém, em sua consciência, corrido, dá 3 reais e vai procurar 10; dá 10 e vai embora, larga o troco: *“Estou correndo, vou embora”*.

Agora, o nobre advogado perguntou se ele tinha comprado o cigarro antes. Claro! Na saída da casa dele tem um boteco, tem inúmeras livrarias, inúmeras casas que vendem cigarros. Ele podia ter comprado em qualquer lugar antes de chegar ao *shopping*. Agora, resolveu comprar no *shopping* porque ele entrou... Agora, que ele estava calmo, tranqüilo, ficou claro para a gente aqui. Não tem nenhum subterfúgio, o cara não chegou correndo nem foi esconder no *shopping*. Ele foi passear e comprar o cigarro. Isso ficou claro, Sr. Presidente, e nós precisamos ouvir mais uma vez.

Requeiro, porque nós precisamos ouvir esses policiais e precisamos realmente conversar com o Corregedor da Polícia; porque, até pela forma de abordar, ele não é um bom policial. Eles não são bons policiais. Nós temos que realmente averiguar isso direito, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Obrigado, Deputado.

Com a palavra a nobre Relatora, Deputada Solange Amaral.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Acho que a Dona Madalena queria falar alguma coisa.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Sr. Presidente, Relatora, um minuto só. Agora, vejam os senhores, eles não eram Policiais Federais? Disseram que era Polícia Civil. Então, ele cometeu... já aí enquadrado — nobre advogado, que conhece as leis, como é? —, ele está enquadrado em...

O SR. DEPUTADO ABELARDO CAMARINHA - Falsidade ideológica.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Qual é o artigo do Código Penal?

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Dois nove nove.



O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Dois quatro nove. Então, esses policiais estão enquadrados no dois quatro nove.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Dois nove nove.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Dois quatro nove.

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Nove nove.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Dois nove nove?

O SR. LUIZ CARLOS DA SILVA NETO - Nove nove, é.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Dois nove nove. Pelo menos estão enquadrados: falsidade ideológica. São Policiais Cíveis e se apresentaram como Policiais Federais. Isso é também uma coisa que tem que constar dos Anais desta Casa.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Obrigado, Deputado.

Nobre Deputada Solange Amaral, por favor.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Há outras incongruências até. No momento em que poderia fugir, ele não estava algemado; no momento em que ele é filmado na delegacia, ele está algemado, o Seu Odair. Na hora em que ele está dentro da delegacia dando depoimento, ele está algemado. Eu vi na televisão.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - É que lá na delegacia tinha risco de ele fugir, lá no *shopping* não tinha.

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - E depois vi... Enfim, eu acho que existem muitas outras questões, Deputado José Carlos Araújo. Os policiais eram de outra área... A gente tem muitas, muitas questões. Agora, o que eu gostaria de encaminhar para decisão do Conselho é: esses fatos estão gerando inúmeras contradições, inúmeras versões diferentes e existe um inquérito na Polícia Federal, existe um por se tratar do envolvimento de 2 Deputados, em princípio, e existe processo no Supremo Tribunal Federal.

A principal testemunha, que é esse senhor que foi preso, detido ou que estava comprando cigarro, que seria o Sr. Odair da Silva, não veio na primeira convocação, não veio na segunda convocação. Disse que o que tinha para dizer já disse na Polícia Federal. Quando foi preso, ele disse uma coisa; agora já disse outra. Eu tenho absoluta certeza de que a Polícia Federal tem condições muito melhores de investigação do que nós do Conselho de Ética. Para nós, eu acho que



já — eu, como Relatora — ficou claro que nós conseguimos apurar que os fatos não são aqueles. Acho até que trabalhamos de uma maneira muito clara, estando... Eu, particularmente, estou convencida de que as coisas não aconteceram da forma como a imprensa falou ou como a representação veio, mas também não posso afirmar de que outra forma as questões ocorreram.

Então, junto com os nossos consultores legislativos, conversando com o nosso Presidente, eu queria encaminhar uma proposta de relatório: de mantermos em sobrestamento esse processo, já que a principal testemunha não vem e que as incongruências são tão grandes; encaminharmos à Polícia Federal, porque tem hoje um inquérito acontecendo lá, todos esses comentários que fizemos aqui, todas as notas taquigráficas da reunião da Comissão, levarmos pessoalmente esses documentos, essas questões e aprovarmos aqui, hoje, o sobrestamento desses fatos — temos aqui um requerimento, um relatório que foi preparado pela nossa Consultoria Legislativa —, até que a Polícia Federal possa avançar, discutir, debater, aprofundar e investigar melhor. Não sei se V.Exas. gostariam que lessem. O requerimento tem apenas 2 páginas e... enfim.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Pela ordem, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Deputado José Carlos Araújo. Posteriormente, o Deputado Ruy Pauletti.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Duas coisas quero colocar. Primeiro, perguntar à senhora se ela conhece o Seu Odair. Se o Seu Odair chegar aqui a senhora o conhece? Reconhece, pelo menos, o que foi preso?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Não reconhece?

A SRA. NEOCI COSTA BARREIROS - Não.

O SR. DEPUTADO JOSÉ CARLOS ARAÚJO - Segundo, Sr. Presidente, este Conselho de Ética é feito para apurar quebra de ética parlamentar. Até agora, no andamento aqui, não se chega a nenhuma conclusão nessa linha. Nós queremos saber... Nós não somos delegacia de polícia. Então, é o que eu acho. A Deputada falou, e tem razão. Eu vou um pouco mais além: nós temos que parar com esse negócio de processo aqui, aguardar que todas as coisas aconteçam, que a Polícia Federal apure. Depois que isso estiver comprovado, que alguém, que a Polícia



Federal chegue a uma conclusão, o Supremo chegue a uma conclusão, aí, sim, será uma nova representação, ou de ofício da própria Casa ou a continuação do processo já baseado em fatos concretos. Porque, em fatos mirabolantes criados pela cabeça de pessoas, eu acho que nós não podemos estar perdendo tempo, Sr. Presidente, nesta Casa, nesse sentido.

A Deputada Solange está coberta de razão. Eu concordo com a Deputada Solange, e vou mais além do que a Deputada Solange: nós temos que deixar que tudo aconteça, para ver se vai dar prosseguimento a esse procedimento nosso aqui ou se vamos arquivar; se se chega a alguma conclusão ou se isso é uma briga qualquer de algumas pessoas que querem incriminar outra, por uma razão ou por outra razão, que não chega a ser falta de decoro parlamentar. É isso o que eu queria colocar, Sr. Presidente.

O SR. DEPUTADO DAGOBERTO - V.Exa. me dá um aparte, Deputado, só para completar o que o Deputado José Carlos falou? Eu acho que há uma preocupação também de nós deixarmos para o Supremo ou para a Polícia Federal e isso enrolar. Como sempre, o Judiciário e a Polícia — até criticando mesmo as ações deles — podem demorar 4, 5, 6 anos e o Deputado aqui não é penalizado, já passou o mandato dele.

Então, a minha sugestão é: nós temos que acompanhar isso, exigir prazo. Exigir e tomar uma decisão. Nós não podemos ficar à mercê deles, porque senão a polícia decide daqui 10 anos ou o Supremo decide daqui 10 anos e nós já perdemos o nosso intuito e o porquê de nós estarmos aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Deputado Moreira Mendes.

O SR. DEPUTADO MOREIRA MENDES - Sr. Presidente, eu quero só fazer uma pergunta para a Relatora: se esse Item “a” do pedido que consta aqui na defesa do Deputado Mário — “requerer à área competente da Polícia Federal o resultado da perícia no cartão de memória” — já tem alguma coisa de concreto de volta ou ainda não?

A SRA. DEPUTADA SOLANGE AMARAL - Acho que ainda não, Deputado.

O SR. DEPUTADO MOREIRA MENDES - Bom, eu vou manifestar a minha opinião em cima dessa idéia de relatório. A Deputada até já conversou comigo. Eu acho que nós estamos diante mesmo de uma dificuldade grande aqui. De duas,



uma: ou houve ameaça — e é grave, se houve — ou o autor da representação está mentindo, o que é mais grave do que a ameaça, na minha opinião.

Então, simplesmente arquivar, eu acho que não é o caminho. Acho que nós devemos sobrestar, mas com essa precaução do Deputado Dagoberto. Acho que a gente tem que acompanhar isso meio que de perto, porque qualquer uma das 2 situações, eu quero aqui repetir, é gravíssima. E que isso aqui cheira realmente a uma coisa muito... Na minha opinião, com toda a franqueza, isso, para mim, cheira a uma armação da grossa.

Então, eu acho que a gente tem que apurar mesmo e ir acompanhando isso. Mas eu, de qualquer forma, porque também não é o nosso papel ficar aqui o dia inteiro — nós não somos polícia para estar investigando —, acho que isso cabe à Polícia Federal, que tem toda a competência para realizar isso. E a nós cabe ficar lá acompanhando, pedindo e exigindo rapidez.

Então, eu vou acompanhar — a senhora não o antecipou ainda —, de pronto, o seu raciocínio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Ricardo Izar) - Eu queria, antes de colocar em votação o requerimento, explicar que, sobrestando o processo, nós vamos eliminar todas as possibilidades de perdermos os prazos. Fica parado. Agora, independentemente disso, nós, em havendo necessidade, podemos fazer reuniões. No caso do Corregedor, por exemplo, vamos pedir para vir, vamos conversar com ele, explicar tudo o que está acontecendo, dando as cópias, tudo que nós temos. E vamos acompanhar, vamos até à Polícia Federal — a Relatora e eu iremos, alguns membros do Conselho iriam conosco — conversar seriamente sobre a possibilidade de apressar esse processo.

Quer dizer, o sobrestamento não é simplesmente um engavetamento. Em havendo necessidade, nós vamos fazer as reuniões. Está na gaveta ou na prateleira, mas há necessidade dessas reuniões e vamos fazê-las.

Então, o nosso objetivo é aprovar o requerimento da Relatora e, posteriormente, entrar em contato com a Polícia Federal e convidar o Corregedor da Polícia em São Paulo.

Então, eu coloco em discussão. *(Pausa.)*

Em votação.



Os que forem favoráveis permaneçam como se encontram. *(Pausa.)*

Aprovado o requerimento da nobre Relatora.

Eu convoco V.Exas. para uma reunião na semana que vem, quarta-feira, onde ouviremos o Presidente da Empresa Schincariol, às 15 horas.

Está encerrada a presente reunião.